O DEMOCRATA

AVENÇADO

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 39.º — N.º 1973
Sábado, 28 de Dezembro de 1946

VISADO PELA CENSURA

"O DEMOCRATA,,

Deseja a todos os seus assinantes, colaboradores, anunciantes e amigos cordeais Boas-Festas e faz votos por que o Ano Novo lhes traga felicidades sem conta.

O sr. Ministro do Interior em Aveiro

Assiste ao desfile do Cortejo das Oferendas, a um almoço que lhe foi oferecido e preside à posse de algumas comissões da União Nacional

O concelho de Aveiro, representado pela cidade, pelas freguesias, pelas aldeias e pelos pequeno lugares poz no domingo à prova, mais uma vez, os seus sentimentos humanitários, o seu altruismo e a sua generosidade, encorporando-se no Cortejo das Oferendas, que se realizou, como fora anunciado, em benefício de todas as instituições de caridade locais. Não podemos minuciosamente descrever o que foi essa parada do bem, pelo muito espaço que nos tomaria; mas em resumo, vamos tentar os topicos principais.

O movimento nas aldeias para os ultimos retoques nos adornos de alguns carros, começou de manhã cêdo — *ao pegar a vêr*... E assim, à hora marcada para o desfile, após a chegada do sr. Ministro do Interior à Câmara, onde recebeu cumprimentos depois de passar revista à guarda de honra estacionada na Praça da Republica, começou a deslisar o cortejo que, partindo do Rossio, atravessou uma das pontes, subiu a Rua Coimbra ao cimo da qual se erguia a tribuna onde se instalaram o sr. tenente-coronel Botelho Moniz, autoridades e um grupo de senhoras, que dêsse modo ficaram ocupando o ponto mais estratégico de todo o percurso até ao Hospital.

A' frente vinha a musica de Vagos, tocando uma marcha. Seguiam-se as duas corporações de bombeiros, com um pronto-socorro que transportava as ofertas da cidade. Depois as crianças das escolas de Esgueira, Mataduços e Taboeira e ainda as da Glória e Vera-Cruz, com os respectivos professores; Banda da Branca, Acção Cultural das Fábricas Aleluia com o pessoal operário; Sociedade Recreio Artístico, sindicatos, grémios e Casas do Povo com os seus estandartes, Casa dos Pescadores de S. Jacinto; um rancho de raparigas de Verdemilho; Tuna Esgueirense, representação da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre com a banda de musica; carro das oficinas metalurgicas Gamelas; outro do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo, ocupado por raparigas; veiculos da Taipa, de Eirol e de Requeixo; mais carros da firma Paula Dias & Filhos, João Paula Dias, Pinheiro Manso, e Lacto Lusa, L.da, de Salgueiro; de Almeida & Freitas, de Nariz; da Empresa Cerâmica Vouga, da Sociedade de Vinhos Scalábis; de Vale de Cambra; da Costa do Valado; de S. Bento; da Gafanha; de Vilar, da Patela, da Aldeia do Paço, de Carlos Capela, de S, Bernardo; da Oliveirinha, da Povoa do Valado, do Carregal, das Caves do Outeiro, da Fábrica de Cerâmica de Quintans; da Azenha de Baixo, de Vilarinho, da Quinta do Gato e por ultimo, a fechar, o pessoal da Fábrica Alba, de Albergaria-a-Velha, acompanhado da sua banda de musica, que já havia tocado à chegada do sr. Ministro do Interior.

Alguns dos carros a que fazemos referência eram folclóricos, como o do *Sport Club Beira-Mar*, da firma *Pascoal & Filhos*, que representava uma seca de bacalhau; do Grémio da Lavoura, das oficina Gamelas, das Cinturinhas da Murtosa e ainda o da larga e valiosa representação da freguesia da Oliveirinha, em que o re chego pertencido pelo sr. José Marques Tomaz foi logo adquirido por 1.650$00 ao ser posto em arrematação. Mas de todos o que mais sobressaiu e se tornou notado e mereceu os elogios dos milhares de pessoas que nos largos, nas ruas, nos passeios e nas janelas assistiram à passagem do cortejo foi o da Fábrica de Porcelana da Vrsta Alegre, confeccionado sab a direcção de Palmiro Peixe e em que se destacava um grupo de esbeltas raparigas de Vagos nela em pregadas. Eram Sofia Nunes de Oliveira, Maria Gomes, Ilda Fernandes, Estefania Gomes, Lucinda Ribeiro e Lourdes Teixeira que caprichosamente o enfeitavam, enchendo-o de beleza com a sua endumentária, com a sua disposição, com a sua elegancia e com os seus sorrisos. Felicitações pela ideia e agradecimentos pelo valor que representou na parada de beneficencia levada a efeito e em que tanto se distinguiu.

O almoço oferecido ao sr. Ministro do Interior realizou-se a seguir. Teve logar no Mercado Municipal, unico recinto com capacidade para conter as muitas centenas de convivas do distrito que nele tomaram parte para homenagearem o sr. tenente-coronel Botelho Moniz e que se achava ornamentado com bandeiras, plantas e utensílios de pesca.

Presidiu aquele membro do Govêrno, que ao entrar no recinto, foi recebido por uma salva de palmas, executando o Orfeão das Fábricas Aleluia a *Portuguesa*.

Sentaram-se também ainda na mesa de honra o sr. Arcebispo Bispo da diocese, Governador Civil, deputados Melo Machado, dr. Querubim Guimarães, dr. Ulisses Cortês, coronel Gaspar Ferreira, dr. Garcia Pulido e dr. Bissaia Barreto, dr. Alvaro Sampaio, general João de Almeida e outras individualidades de destaque.

A meio do repasto, uma comissão de senhoras ofereceu ao sr. Ministro ramos de flores e lembranças regionais como reconhecimento pelo seu interesse pelas obras de assistencia.

Na altura dos brindes, iniciou-os o sr. governador civil, sendo seguido pelo sr. dr. Vaz Craveiro, em nome da comissão do almoço, dr. João Assis Pereira de Melo em nome dos nacionalistas do distrito, que entre outras, fez esta afirmação; «Não vimos tomar o passo de ninguem; a nossa palavra não significa um render de guarda, porque significa respeito e boa fé para aqueles que melhor ou pior tem sabido servir. Nós não vimos fazer um atropelamento político porque até aqueles que careceram na política podem dar-nos directrizes e ensinamentos, visto que *todos não somos demais para salvar Portugal*, como disse Salazar.

O sr. dr. Garcia Pulido fez uma calorosa apologia do Estado Novo e do Govêrno, que salvou Portugal da guerra, que restabeleceu o equilibrio de contas numa terra onde durante anos não houve orçamento do Estado e onde por espaço de 15 anos a liberdade de expressão e de Imprensa estiveram à mercê dos caprichos da rua, Govêrno que restabeceu a ordem nesta e nos espíritos, que promoveu a realização da política orçamental, que substituiu os *deficits* pelos *superavits*, que restabeleceu a confiança internacional, para lembrar os nomes de Carmona e Salazar a quem nunca será possível pagar a dedicação e a devoção pela Pátria e os altíssimos serviços que esta lhe deve. *(Calorosos aplausos)*.

Por último usou da palavra o sr. Ministro do Interior, que começou por dizer que não encontrava termos com que pudesse exprimir a sua emoção ante a grandiosidade da parada de fôrças nacionalistas a que estava assistindo. Agradecia a manifestação em honra do Govêrno porque sabia que ela representava o sentir dos que ali trabalhavam em prol da causa nacional. Nós somos—acrescentou—os fieis depositários das tradições nacionais e posso garantir que não estaremos dispostos a que os vindouros façam maiores sacrifícios do que tem feito esta geração do resgate. Agradeceu àqueles que tiveram a iniciativa do almoço e a quantos contribuiram para a parada de generosidade que percorrera as ruas da cidade, elogiando Aveiro por, em poucos meses, ter dado dois exemqlos de beneficência. Expoz o pensamento do Govêrno àcêrca da assistência, lembrou que as Misericórdias se fundaram no período áureo da nação e, tal como nesse tempo de grandesa, a beneficência era agora, neste período de renovação alvo de especial carinho de governantes e governados. Agradeceu igualmente a todos que contribuiram para o brilho da festa em curso: operários, raparigas e senhoras de Aveiro; ao clero a sua colaboração, à União Nacional o seu bom entendimento com os homens do Govêrno e dirigindo palavras de louvor ao chefe do distrito e ao sr. dr. António Cristo, terminou erguendo um viva a Portugal, calorosamente correspondido e saudado com estrepitosas palmas enquanto a assistência entoava também o hino nacional em côro com o Orfeão.

* * *

O sr. Ministro do Interior e outras individualidades, após o almoço, dirigiram-se ao Rossio aonde foi feita a distribuição dos carrinhos aos inválidos que deles necessitavam e por último, nos Paços do Concelho, efectuou-se o acto da posse das comissões concelhias da União Nacional, falando o sr. dr. António Cristo, vice-presidente da comissão distrital daquele organismo, os deputados srs. Melo Machado, dr. Ulisses Cortês e o sr. dr. Afonso Queiró, que em nome das comissões concelhias, exteriorizou o pensamento destas e fez largas considerações acêrca das finalidades da U. N. — elo necessário entre o Govêrno e o espírito público.

Poz termo à cerimónia o sr. tenente-coronel Botelho Moniz, que disse: «No momento em que se está realizando este acto nas horas que o antecederam deram-se acontecimentos no país que não deixam de merecer uma atenção cuidada. Neste momento a população de Viana do Castelo percorre as ruas numa manifestação vibrante pela concessão de alguns milhares de contos que satisfaz uma antiga aspiração daquela cidade. Neste momento, em várias cidades e vilas cerimónias idênticas a esta se estão a realizar com a finalidade de dar pão, trabalho, amparo e saúde a quem deles necessita. Há algumas horas fôrças de segurança pública tiveram de intervir para pôr termo aos desatinos de bandos sanguinários que perseguiam e reduziam à miséria populações indefesas. Alguns guardas pereceram na defesa da ordem. De todos estes acontecimentos pode farzer-se uma síntese: ordem e autoridade, trabalho e progresso, pão e saúde—eis em seis palavras o que tem sido a obra do Estado Novo».

E aqui se deu por finda a grande parada dos que se reuniram em Aveiro para dar, para fazer bem e dos que vieram colher impressões e orientar-se sôbre a marcha política da Revolução—que continua.

O sr. Ministro, sempre muito aclamado, retirou para Lisboa de automóvel, era já noite.

Bôdo

Não tendo sido distribuido no dia de Natal o que a comissão da *Sopa dos Pobres* anunciou, se-lo-á no dia de Ano Novo, às 12 horas, segundo comunicação recebida.

Pela Câmara

Foi aprovado na sua última sessão o orçamento ordinário para 1947, na importância de cêrca de dez mil e quatrocentos contos, e também os orçamentos ordinários da Comissão Municipal de Turismo e dos Serviços Municipalizados de Agua e Electricidade, respectivamente, nos valores de 141 contos e 1.500 contos.

—Foram superiormente aprovadas, a-fim-de serem comparticipadas no próximo ano, as seguintes obras:

A ampliação do cemitério da Oliveirinha, a cargo da Junta de Freguesia; ampliação do cemitério de Nariz, a cargo da Junta de Freguesia; construção de passeios na Rua de Miguel Bombarda; reparação da E. M. de Verdemilho à Quinta do Picado e urbanização do Bairro de casas para pobres, a cargo do município; construção de 40 casas económicas, a cargo da Santa Casa da Misericórdia calceteamento da Rua da Fonte Velha na freguesia de Eirol, a cargo da Junta.

O TEMPO

E' raro nevar em Aveiro; mas como o frio tem sido de rachar, deu-se o caso da cidade aparecer umas poucas de manhãs coberta de espessa camada de gelo, que depois se derretia com a acção do sol. Na noite de segunda feira para a terça, porém, choveu abundantemente, nesse dia ainda caiu agua, mas a vespera e o dia de Natal estiveram maravilhosos, o mais agradáveis possivel.

E continuam com intermitencias, fazendo nós o registo para confrontos futuros.

Chegou ouro!

Em um navio inglês, o *Loch Rizon*, procedente de Liverpool, vieram há dias para o Banco de Portugal 550 quilos de ouro em barras, que deram entrada nas respectivas casas fortes.

Ainda nos lembra daqueles tempos *dureos* em que o *democratismo triunfante* mandava as nossas moedas de prata, aos milhões, para fóra e... se ficava a rir!

Isso é que era governar, administrar bem o país!

Querem mais... figos?

"Sport Club Beira-Mar,,

Dentro de alguns dias ou seja na próxima quarta-feira, festeja as suas *bodas de prata*, esta agremiação local, fundada no bairro piscatório por um grupo de aveirenses entusiastas do desporto, entre os quais se destacava o então comerciante sr. Luís da Rocha Leonardo, há muito ausente no Brasil e onde pontificou durante largo tempo o falecido José Meireles, que tanto se esforçou pelo seu progresso e engrandecimento.

Está a ser elaborado pela actual Direcção a que preside João Belo (filho) o programa das comemorações, do qnal faz parte, segundo nos consta, uma conferência, um desafio de futebol, uma exposição de quadros e um baile, que deverá efectuar-se na noite da passagem do ano.

O Democrata dirige saudações ao popular club que agora tem a sua séde na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, desejando-lhe a continuação das suas prosperidades.

Visitai o Parque da Cidade

"A Aurora do Lima,,

—o—

Um alvitre para homenagear o seu director

Transcrevemos da secção —*Várias Notas* — que o *Jornal de Noticias* publica diariamente:

Fez há pouco 91 anos o mais velho jornal do Minho, a simpática *Aurora do Lima* que é dirigida, mantida e salva por êsse admiravel Bernardo Silva, que é, sob êsse ponto de vista, o mais benemérito de quantos entre nós manejam uma pena e fazem um jornal. Tenho-o dito muitas vezes: a *Aurora do Lima* é hoje o mais glorioso de todos os jornais portugueses, grandes e pequenos, porque é o único jornal português ainda existente que se orgulha de ter tido como seu redactor Camilo Castelo Branco. Só por isto, quando outros títulos não tivesse, devia merecer das entidades oficiais de Viana do Castelo, um carinho e uma assistência especiais. Ora à frente desse glorioso jornal está Bernardo Silva que é apenas mais velho do que todos nós porque nasceu primeiro do que todos nós, mas é o mais *novo*, o mais *vigoroso*, o mais encantador rapaz de todos nós, porque ainda hoje com os seus cabelos brancos tem uma juventude que nós não temos. Eu não proponho nada. Mas lanço uma ideia: se todos nós—os jornalistas do Norte e os que para os jornais do Norte escrevem—nos juntassemos todos um dia destes, em Viana do Castelo a homenagear a *Aurora do Lima* e Bernardo Silva? O próximo dia 31 de Janeiro é feriado nacional. Calha a uma sexta-feira. Se nós nesse dia em que não temos jornal fossemos todos a Viana do Castelo, dizer a Bernardo Silva da nossa estima, da nossa admiração pela sua tenacidade, pelo seu esforço, pela sua obra, em fazer chegar até nós o jornal de que Camilo foi redactor? Eu não proponho nada, mas lanço a ideia. E a fazer-se isto era feito sem intuitos políticos de qualquer espécie. Uma reunião onde se juntassem todos os jornalistas do Norte representantes de todos os jornais (pretos, brancos ou amarelos) de maneira a que a família jornalistica nortenha, sem divisões nesse dia levasse a Bernardo Silva o carinho da sua amizade fraternal e da sua camaradagem sincera, leal e amiga.

No mesmo dia em que o *Notícias* publicou esta nota, enviámos para Lisboa dirigida ao sr. João Paulo Freire a seguinte carta:

Aveiro, 21 de Dezembro de 1946

Ex.mo Sr.

Como aveirense, como amigo de Viana, como colega e como um dos mais velhos, sinceros e dedicados admiradores de Bernardo Silva, quero ser dos primeiros a dar o meu incondicional apoio à ideia da nova homenagem ao director de *A Aurora do Lima* nos termos em que é lançada no numero de hoje do *Jornal de Notícias*. Pode, pois, V. Ex.ª desde já contar com a minha adesão, com o meu concurso para a compra da pena de oiro a oferecer-lhe e com a minha presença em Viana, no dia aprazado, se porventura o Destino não puzer entraves à disposição em que me encontro neste momento.

Sem outro assunto, subscrevo-me

De V. Ex.ª

Atenciosamente

ARNALDO RIBEIRO

O Democrata cumpre, dêste modo, um dever de respeito, de simpatia, de camaradagem, de admiração e de amisade, que nunca regateou a quem tudo isso merece pela sua inteligência e nunca desmentidas faculdades de trabalho—persistente, probo, ininterrupto durante toda a vida.

AS CAUSAS DA CARESTIA DA VIDA

devem procurar-se também no numero excessivo de intermediários no comércio, de adventícios e de oportunistas que prejudicam o profissional honesto, o consumidor e o Estado.

Tendo sido abordado na Assembleia Nacional pelo deputado Ribeiro Cascais alguns dos casos que se estão observando em volta da carestia da vida, o *Diário Popular* do último sábado, enfrentando, mais uma vez, a situação grave que o país ainda atravessa a êsse respeito, dedica-lhe estas judiciosas palavras, com as quais concordamos plenamente:

Desde 1938-1939 verifica-se um aumento considerável de intermediários oportunistas, não profissionais, verdadeiros parasites que se meteram nas correntes mercantis, sanguessugas que vivem do trabalho alheio, do suor do rosto dos outros. A inflação do aparelho distribuidor e as fugas dos circuitos comerciais dos produtos de origem nacional e importados—constituem, sem duvida, uma importante causa do *mercado negro* e da injustificada elevação do custo da vida para a grande maioria dos portugueses.

Parecia natural que no momento em que a escassez dos generos ameaçava o regular abastecimento publico, se reduzissem até os elementos da distribuição e se fiscalizasse rigorosamente a exactidão das cifras apresentadas pelos armazenistas e o destino normal das mercadorias, de forma a evitar-se quanto possivel que tais géneros e artigos andassem por várias mãos antes de chegarem ao consumo. Infelizmente as coisas não se passaram assim—e muitos bens sofreram aumentos

de 100 por cento, 200 por cento e mais entre o preço da origem e o preço de venda ao publico, sem benefício algum para o produtor ou fabricante, com grave detrimento do consumidor, anarquia e distorção dos preços e imoral ganho dos parasitas intermediários que ainda por cima o gastam ultrajosamente... Em certos sectores (por exemplo, a fruta e o peixe) registou-se mesmo um fenómeno paradoxal: ao passo que normalmente o aumento das quantidades devia ser conduzido à baixa dos preços de venda, o inchaço dos intermediários, a inflação da distribuição, provocou a alta dos preços a despeito das maiores quantidades oferecidas!

Mas o inflar do sistema destrutivo comercial tem consequências de outra ordem, também muito sérias. E dizemos já porquê. Regra geral, o comerciante profissional é honesto, cumpridor das leis e regulamentos e das práticas usuais de moralidade dos negócios. O miliciano, o adventício, o agente, comissário ou qualquer que seja o seu disfarce, traficante muitas vezes sem capital próprio, sem estabelecimento, escritório, armazem, organização mercantil séria, sem pagamento de contribuições ou impostos—na generalidade não se importa com a ordem jurídica e na sua desenfreada ambição apenas procura o lucro ilícito, o enriquecimento rápido pelo locupletamento à custa alheia. A sua criminosa insensibilidade permite-lhe deitar para o cesta dos papeis ou para o caixote do lixo o código da moral e da honra da profissão em que abusivamente se meteu.

Daí, a fuga dos bens dos circuitos normais para as correntes transversais e paralelas, para os mercados negros e cinzentos, o convite tácito à falsificação dos manifestos do produtor e do fabricante, as ocasiões terriveis de tentação para o comércio honesto, o abaixamento perigoso do nível moral da economia, a desvalorização do poder de compra dos que trabalham verdadeiramente, as dificuldades trágicas que a alta do custo da vida ocasiona às famílias e a intensificação da força viva de todos os processos inflatórios, monetários ou amonetários.

Foi certamente a suma gravidade que está tomando o excessivo numero de intermediários e sua gananciosa especulação, que levou o deputado, capitão Ribeiro Casais a tratar do caso na sessão de 13 do corrente da Assembleia Nacional.

Dissertando acerca *da multidão de ricaços que defraudam a economia nacional e o tesouro publico*, disse:

«Da acção anti-económica e anti-social destes verdadeiros parasitas, fa-la eloquentemente a desorganização dos preços no mercado consumidor. A disparidade absoluta do preço de um produto na origem com o que assume, sem qualquer transformação ou trabalho, nas mãos do distribuidor, explica a soma que não entra nos cofres do Estado, para entrar, direitinha, no bolso do abastado intermediário». E, com energia, concluiu: **Agarre-se pela gola o intermediário da venda de produtos que não cultiva, dos metais que não extrai da terra, dos maquinismos que não fabrica, repara ou melhora, e de tantos outros artigos e produtos, obrigando-o a contribuir para o bem comum.**

E' esta outra facêta do complicado problema, que tem toda a razão de ser.

Mas como se há-de apanhar tanta gente que anda metida em *negócios?*

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Isabel Marcos Vilela, professora oficial no concelho de Castro Daire, e os srs. Henrique Ramos, da Foto Central, *tenente Joaquim de Matos, residente em Ermezinde (Porto) e Fernando Rocha, ausente em Luanda (Angola); amanhã, a sr.ª D. Maria Isolina Rodrigues Leitão, esposa do nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clínico; o também nosso presado amigo dr. Azevedo e Castro, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e os srs. Joaquim António Vieira, funcionário da filial do Banco N. Ultramarino e Duarte Augusto Duarte; no dia 30, os srs. dr. Mário de Azevedo e Castro, médico nas Caldas da Rainha, José de Pinho Vinagre e Joaquim Coelho da Silva, ausente em Vila Pery (Africa Oriental); em 31, as sr.as D. Laura Mendes Leite de Almeida, esposa do sr. general João de Almeida, e D. Barbara da Costa Crespo, actualmente na capital; o sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e o estudante José Marques Pitarma, filho do sr. Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa; em 1 de Janeiro, a sr.ª D. Julia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte; em 2, as sr.as D. Olinda Soares e D. Carmen de Seabra F. Neves, esposa do nosso amigo Severiano F. Neves, ambos professores primários; o sr. dr. José Cristo, advogado na comarca, e o menino João José Picado da Naia, filho do sr. José Pacheco da Naia, capitão da marinha mercante, e em 3, o sr. dr. Joaquim Henriques, hábil clínico local, e as sr.as D. Ligia Patollo Cruz, bibliotecária da Câmara Municipal de Lisboa, e D. Maria Amélia de Melo Moreira, filhas, respectivamente, do sr. António Simões Cruz, sócio dos* Armazens de Aveiro, L.ª, *e da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira, proprietária da* Casa Moreira.

Também fizeram, no dia 23 o sr. Elviro Duque e em 24 o menino Lúcio António Guimarães Santos, filho do sr. Arnaldo Estrela Santos, comerciante local.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se a semana passada o consórcio da menina Maria Adelaide Correia da Silva, interessante filha da negociante D. Laura Correia da Silva, com o empregado comercial Hernani Tavares de Almeida e Silva, filho do sr. Manuel de Almeida e Silva Júnior, de Oliveira de Azemeis.

A noiva, que há muito reside nesta cidade, é natural do mesmo concelho do eleito do seu coração e impõe-se pelo seu irrepreensivel porte, pela gentileza das suas maneiras e por outros predicados que decerto hão-de contribuir para a felicidade conjugal.

São esses os nossos votos ao dirigir felicitações ao ditoso par, que o Destino unia para sempre.

Partidas e Chegadas

A passar o Natal estiveram nesta cidade os srs. Manuel Branco Lopes, tenente da Armada, e Egas Trancoso, residentes na capital; Albano Duarte Silva, regente agrícola em Coimbra; Jaime M. Lima, funcionário de Finanças em Vila Verde e esposa, Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor do Porto, e Ramiro Gouveia Dias, que é hospede de seu cunhado, o sr. Gervasio Aleluia.

—Está em Braga, a passar uma temporada, o sr. Alberto Ferreira Barbosa.

NECROLOGIA

Faleceram: nesta cidade, João Maria dos Reis da Rosária, casado, de 69 anos, e Francisco de Matos Dias, também casado, de 46; em *S. Bernardo*, João dos Santos Ferreira, viuvo, de 92, e em *Vilar*, Rosa Catarina, de 73, casada com João Pires.

Correspondências

Costa do Valado, 26

Vitimada por uma grave enfermidade, deixou de existir na vespera do Natal, Maria dos Anjos Maia, esposa do nosso amigo Manuel F. Maia com quem havia casado há 13 anos, deixando um filho. Era natural de Mirão, filha do sr. Vicente Bernardo, reformado da C. P. e actualmente ao serviço na administração dos portos do Douro e Leixões. Nova ainda, o seu desaparecimento consternou tôda a gente da Costa, pelo que o enterro para o cemitério da Oliveirinha, na tarde da quarta-feira, foi extraordinariamente concorrido.

A chave da urna era conduzida pelo pai, sendo muitos os ramos de flores com sentidas dedicatórias sob os quais ficou sepultada.

A' numerosa família enlutada, mas especialmente a Manuel Maia a sentida expressão das nossas condolências.

C.

Subsídios

O sr. Governador Civil concedeu à *Sopa dos Pobres*, no corrente ano, 12 contos e o donativo de mil escudos para a sua melhoria nos dias festivos da presente quadra, tendo a *Gôta de Leite* sido também contemplada com 3 contos.

Junta Nacional do Azeite

Azeitona para conserva

Estando a cargo dêste Organismo a passagem das guias de trânsito para êste produto, esclarece-se que em face das quantidades já movimentadas e do numero de guias de trânsito pedidas, a sua passagem foi temporáriamente suspensa.

Os interessados devem comunicar à Delegação Distrital da Junta Nacional do Azeite as quantidades de azeitona que teem armazenadas para conserva, bem como o local onde a mesma se encontra.

Serão apenas tomados em consideração os pedidos que respeitem à azeitona que pelo seu estado de maturação e qualidade, normalmente se destinam à conserva, não se dispensando em caso algum a sua verificação.

NO TEATRO AVEIRENSE

"A Visinha do Lado" subiu à cêna, sendo os interpretes muito elogiados e aplaudidos

Obtiveram o sucesso que era de esperar os dois espectaculos aqui anunciados e que se realizaram nas noites de 20 e 23 pelo grupo cénico da Acção Cultural das Fábricas Aleluia, cujo desempenho esteve à altura da habilidade de cada componente e do ensaiador, o antigo amador de teatro Aurelio Costa, que não necessita adjectivos por os seus méritos os dispensar a quem, como nós, o conhece de longa data e não deseja repetir o que neste jornal já se tem escrito a seu respeito. Muito bem, Aurélio, muito bem. Só isto diz tudo.

A peça agradou plenamente e os cenários estão à verdadeira altura porque são vistosos, admiráveis.

Os principais papeis, a cargo de Manuel Augusto Moreira, Armando Arroja, João Salgueiro, Carlos Julio Duarte, Ivone Baptista, Aldina Bolhão e Maria da Luz Costa foram desempenhados com correcção, equilibrando-se. Enfim: os quatro actos de *A Vizinha do Lado* fizeram rir a bom rir, saindo o publico bem impressionado, a-pesar-do desconforto do teatro.

Na primeira parte do espectaculo fez-se ouvir o Orfeão, cuja regencia está a cargo de Carlos Aleluia, um dos proprietários da Fábrica. O grupo, composto por algumas dezenas de figuras dos dois sexos, é um conjunto que se tem valorizado imenso, que agrada, que está honrando a nossa terra. E não é preciso também dizer mais. Dirigido com consciencia, rodeia-o a simpatia de todos os aveirenses, que não lhe regateiam aplausos e o acompanham nos seus triunfos.

IMPRENSA

Correio do Vouga

Entrou no 18.º ano êste colega local, órgão da diocese de Aveiro, dirigido pelo sr. dr. Querubim Guimarães, advogado na comarca, e de que é redactor principal, o sr. padre António Augusto de Oliveira. Nele colabora assiduamente o sr. Arcebispo D. João de Lima Vidal, cujo alto espírito se reflete em todos os seus escritos, mas isso não impede que o *Correio* sofra do mesmo mal que afflige a imprensa provinciana—falta de recursos. Como se vê, nem os santos lhe dão volta.

Os nossos cumprimentos a quantos, como nós, persistem em andar para a frente, a pesar-de tudo.

Quintinha em Aveiro

com pomar, excelente terra de horta e lavradio, abundante e boa água, vinho bastante, magnífica moradia, ainda com grande frente para construções, vende, por retirada, o proprietário dr. António de Pinho, advogado.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

COMUNICADO

António da Silva Matias e José Gamelas Matias, ex-colaboradores da Ourivesaria Vieira, têm a honra de comunicar que acabam de constituir entre si uma sociedade que se destina ao comércio de ourivesaria e relojoaria, a qual começará a vigorar em 1 de Janeiro p. f.

Para o efeito adquiriram, por trespasse, a antiga e acreditada Ourivesaria Vilaça, à R. Manuel Firmino, n.º 14, onde terão muita honra em receber a visita dos seus estimados clientes e amigos.

Aveiro, Dezembro de 1946.

OS PROPRIETÁRIOS

Atenção para a 4.ª página

Melícias & Ribeiro, L.da

— o —

Por escritura de 3 de Dezembro de 1946, nas notas do notário Dr. Silvino Gonçalves de Sousa, de Albergaria-a-Velha, foi constituida uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma *Melicias & Ribeiro, Limitada*, fica com a sua séde em Eixo, concelho de Aveiro, estabelecimento principal no barracão edificado no recinto da estação de Eixo, da Companhia do Vale do Vouga e estabelecimento filial na freguesia de S. João de Loure, dêste concelho, a sua duração é ilimitada a contar de hoje, e o seu objecto é o exercício de comércio de adubos quimicos, cereais, batata, materiais de construção, lenhas, sal, vinhos por junto, bem como outro qualquer ramo que deliberarem explorar, com excepção do bancário.

2.º

O capital social é de esc. 100.000$00, todo realizado em dinheiro, que deu entrada na Caixa Social, e corresponde a duas cotas iguais de 50.000$00 de cada um dos sócios João Melícias e Alvaro de Oliveira Ribeiro.

3.º

A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, podendo, por deliberação social, estabelecer-se as atribuições de cada um dêles.

§ *único.*—O sócio Alvaro de Oliveira Ribeiro fica desde já autorizado a legalizar a aquisição para a sociedade dos direitos ao arrendamento celebrado entre o primeiro sócio e a Companhia do Vale do Vouga, assim como à transferência dos direitos aos alvarás concedidos ao primeiro outorgante.

4.º

Os documentos de mero expediente poderão ser firmados por qualquer dos gerentes; mas os que envolvam responsabilidade ou obrigação para a sociedade, tais com letras ou outros, só terão validade quando assinados por todos os gerentes.

5.º

Fica proibido aos sócios dedicarem-se individuálmente ao exercicio de actividades a que a sociedade se dedique.

6.º

Os sócios podem fazer suprimentos à sociedade, sendo as respectivas condições fixa das em assembleia geral.

7.º

O ano social é o civil, terminando o primeiro exercício em 31 do mês corrente; e os lucros, retirado o fundo de reserva legal, serão distribuidos na proporção do capital respectivo, depois de fechados os balanços anuais.

8.º

A cessão de cotas a estranhos é permitida, sem prejuizo do direito de preferência sucessivamente da sociedade e dos sócios, que resolverão nos 10 dias imediatos ao aviso do cedente, sendo o valor da cota calculado, para efeito de preferência, por um balanço da ocasião.

9.º

A divisão das cotas é proíbida, mas permitida entre herdeiros.

§ *único*—O sócio João Melícias pode fazer uma divisão da sua cota e ceder parte dela livremente, renunciando desde já a sociedade e os sócios ao direito de preferência nessa cessão.

10.º

Dissolvendo-se a sociedade, serão liquidatários os sócios que procederão à liquidação e partilha na forma deliberada na Assembleia Geral, podendo os estabelecimentos sociais, com todo o activo e passivo, ser licitado entre os sócios e adjudicado ao que melhor preço oferecer.

11.º

A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, mas os herdeiros ou interessados escolherão entre si um que os represente na sociedade enquanto a cota se mantiver indivisa.

12.º

A convocação para as Assembleias Gerais pode ser feita por carta registada e a representação nelas pode dar-se por carta a outro sócio.

13.º

No omisso regularão as disposições legais aplicáveis.

Albergaria-a-Velha, 17 de Dezembro de 1946.

O Ajudante da Secretaria Notarial

Leandro Gomes Ferreira

Casa Agricola Aveirense, Limitada

Por escritura de 6 de Novembro de 1946, lavrada a fls. 33 v do Livro n.º 35 das notas do notário da comarca de Aveiro, com séde em Ilhavo, dr. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituida entre Francisco José Rebelo Ribeiro, solteiro, comerciante, morador em Aveiro; José Simões Vieira, solt iro, ourives, também morador em Aveiro; e Domingos Marques de Oliveira, casado, comerciante, morador na Chave, Gafanha da Nazaré—Ilhavo, uma sociedade por cótas nos termos dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a denominação de *Casa Agricola Aveirense, L.da*, e ficará com a sua séde e o seu estabelecimento na cidade de Aveiro, à rua 5 de Outubro, n.º 26.

2.º

O seu objecto é o comércio e a exploração agrícolas ou outro qualquer ramo ainda, que, nos têrmos da lei, resolva explorar.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos, o seu comêço se contará a partir do dia primeiro de Janeiro de 1947.

4.º

O capital social é do montante de 150.000$00, em três cótas de valor igual, e acha-se todo já realizado, sendo cada uma das cótas dos três sócios representada por uma terça parte do prédio rustico denominado «Quinta da Encarnação», composto de areias soltas e terreno de cultura, que em comum e partes iguais pertence aos outorgantes, sito ao sul da Costa Nova, da freguesia da Gafanha da Encarnação, deste concelho de Ilhavo, que por bem conhecido se não confronta, inscrito na matriz rústica no art.º 1661, com o valor matricial cada terça parte de 6.246$60, como se vê dos conhecimentos adeante citados, dando, porém, a cada uma das mesmas terças partes, para o efeito da constuição das cótas, o valor de 10.000$00, e por mais a quantia de 40.000$00 em dinheiro.

5.º

A divisão e cessão de cótas entre os sócios ou seus herdeiros é livre, mas quanto a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

6.º

Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução, mas a administração da sociedade fica principalmente a cargo do sócio senhor Ribeiro, na qualidade de primeiro gerente-efectivo, o qual receberá uma remuneração mensal, a fixar, compatível com a sua responsabilidade e cargo.

§ *único.*—O gerente efectivo senhor Ribeiro, além da remuneração mensal, vencerá ainda uma retribuição anual de dez por cento, calculada sôbre os lucros líquidos e depois de abatida a percentagem para o fundo de reserva.

7.º

Não poderá qualquer dos sócios ou gerentes explorar individualmente ou associado qualquer ramo comercial, agrícola ou industrial idêntico aos desta sociedade; e não poderá outrosim qualquer dos gerentes usar da denominação social, intervir em quaisquer actos ou assinar quaisquer documentos, relativamente a negócios estranhos à saciedade e por virtude do que esta possa ser responsabilizada — designadamente em fianças, letras de favor, abonação, «et coltera».

§ *único.*—E' ao sócio gerente-efectivo senhor Ribeiro a quem principalmente compete assinar todos os documentos de mero expediente e os de responsabilização da sociedade, nomeadamente letras, contratos e cheques.

8.º

Os lucros líquidos que resultem do balanço anual, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva e os dez por cento a que se refere o parágrafs do artigo sexto, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas; e, sem prejuizo de outra deliberação, distribuidos no fim de cada ano, em seguida à aprovação dos balanços.

9.º

Se a sociedade vier a carecer de mais fundos, além do capital, aqueles serão fornecidos em aumento do mesmo capital, ou por empréstimo, ou em conta de suprimentos, pelos sócios ou por outrem, conforme se resolver em reunião, por maioria de votos de todo o capital.

10.º

Salvos os casos para que a lei exija outros requisitos, as assembleias gerais serão convocadas apenas verbalmente ou por carta registada, com três dias de antecedência pelo menos.

11.º

Esta sociedade não se dissolverá, nem pela vontade nem pelo falecimento ou interdição de um dos sócios, mas apenas nos casos marcados no artigo 42, da lei de 11 de Abril de 1901.

12.º

Em tudo o mais não previsto, regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Está conforme.—Ressalvas: «cheques», «conta».

Ilhavo, 14 de Novembro de 1946.

O notário,

Joaquim Tavares da Silveira